

É com enorme pesar que a editoria da *Revista Brasileira de Inovação* registra o falecimento, em 2016, de um dos seus colaboradores, Rodrigo Ferreira Simões, apoiador entusiasta da revista e que colaborou intensamente não só como membro do Conselho Editorial, mas também como autor e avaliador. Rodrigo publicou dois artigos na *RBI*, ambos com a preocupação central de compreender a “especialização” da inovação. Esses trabalhos representam esforços pioneiros no Brasil em uma linha de pesquisa hoje consagrada, que é denominada de “Geografia da Inovação”. Seu artigo intitulado “A distribuição espacial da produção científica e tecnológica brasileira”¹ é atualmente um dos mais citados da *RBI*, com 97 citações (segundo o Google Scholar).

Este fascículo compreende o primeiro número do décimo-sexto ano de circulação regular e ininterrupta da *RBI*. Graças ao envolvimento da comunidade científica, esta revista orgulha-se de ser um importante veículo de divulgação de trabalhos acadêmicos na área de “estudos da inovação”. Prova disso é a elevada quantidade de artigos submetidos para publicação em 2016, da ordem de 143 textos; em comparação com 140 em 2015 e 136 em 2014 (nesse ano, estão incluídas as submissões para o número especial sobre Política Industrial e Inovação, volume 14). Em 2016, o tempo médio de resposta aos autores com decisão editorial foi de 58 dias, incluídos os artigos que foram recusados na avaliação de admissão. Dados mais detalhados e completos a respeito de indicadores da revista, como tempo de resposta da editoria, taxa de aprovação de artigos, indicadores de impacto, indexação, entre outros, encontram-se no Relatório Anual 2016, disponível na página da *RBI* na Internet (<http://www.ige.unicamp.br/ojs/rbi>).

Seis trabalhos compõem a seção Artigos deste fascículo. Sob uma ótica bastante original, o primeiro discute a profícua obra de Nathan Rosenberg, ao mesmo tempo que presta uma homenagem a esse autor, cujo falecimento ocorreu em 2015, considerado um dos fundadores da abordagem evolucionista neoschumpeteriana ao lado de Christopher Freeman e Richard Nelson. O texto ressalta a contribuição seminal de Rosenberg para o entendimento dos mecanismos de propagação das revoluções tecnológicas a partir de sua análise de diversas inovações radicais. Na sequência, é apresentado estudo que utiliza tabulações especiais da Pintec para avaliar quantitativamente, e sob diversos ângulos, as relações cooperativas de empresas, universidades e centros de pesquisa no Brasil. Seus resultados mostram a complexidade e a variedade das interações entre os agentes, muito influenciadas por variáveis como porte da empresa e origem do capital. Constata-se também uma alentadora tendência à melhoria dessas interações. O terceiro artigo busca avaliar empiricamente as características dos regimes tecnológicos prevalentes na indústria de

1 SIMÕES, R.; BAESSA, A.; CAMPOLINA, B.; SILVA, L. A distribuição espacial da produção científica e tecnológica brasileira: uma descrição de estatísticas de produção local de patentes e artigos científicos. *Revista Brasileira de Inovação*, v. 1, n. 2, p. 225-251, 2002.

transformação brasileira na primeira metade da década de 2000. Empregando métodos de estatística multivariada, o estudo classifica as indústrias em Schumpeter Marco I e Schumpeter Marco II, o que permite mostrar as especificidades da indústria brasileira comparativamente às evidências encontradas em países desenvolvidos. A Pintec é novamente objeto de estudo no artigo seguinte, que aborda as motivações e os modelos teóricos que levaram à origem dessa importante pesquisa de inovação tecnológica no Brasil. Os resultados, encontrados por meio de entrevistas com agentes-chave na concepção da Pintec, mostram que foi adotado um modelo híbrido de *survey* de inovação, em que se verifica uma robusta seção que investiga as atividades de P&D, algo incomum entre os *surveys* de inovação dos diversos países. Além disso, ressalta-se que a pesquisa tem sido capaz de contribuir para o debate sobre inovação no país. O penúltimo artigo tem como objetivo verificar, por meio de análise empírica, a existência de um *gap* tecnológico entre o Brasil e os países desenvolvidos. Para isso, é utilizada análise de correspondência aplicada a dados da Pintec e da CIS – Community Innovation Survey e são construídos indicadores setoriais de inovação que possibilitam analisar comparativamente padrões de comportamento inovativo no Brasil e em países tecnologicamente mais dinâmicos. Também empírico, o último dos seis trabalhos dessa seção analisa as mudanças nas relações intersetoriais no Brasil e em países selecionados no período 1995-2010, especialmente no que se refere às relações entre as atividades industriais e de serviços. Os resultados mostram que nos países com estruturas produtivas mais densas e completas as relações entre indústria e serviços têm maior caráter sistêmico, de modo que a demanda industrial possui papel fundamental no sustento das atividades de serviços.

A seção Memória dá continuidade à série de trabalhos que buscam recuperar a história de institutos e centros de pesquisa e inovação tecnológica no Brasil. Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira analisam um acordo específico de cooperação internacional da década de 1970 para mostrar o pioneirismo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na área de pesquisa biomédica e de saúde pública, especialmente na produção de novas vacinas no país.

Fechando o fascículo, Carlos Américo Pacheco apresenta uma minuciosa resenha do livro *Sistemas setoriais de inovação e infraestrutura de pesquisa no Brasil*, organizado por Fernanda De Negri e Flávia de Holanda Schmidt Squeff. Publicada pelo Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a coletânea reúne contribuições de pesquisadores da própria instituição e de colaboradores de vários outros órgãos de pesquisa que avaliam, sob diversos ângulos, a infraestrutura constituída por unidades de pesquisa do MCTIC, universidades e centros de pesquisa públicos e privados do país.

Wilson Suzigan, editor.

Renato Garcia, editor adjunto.